



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
FACULDADE DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS INGLÊS**

**WANDERSON PEREIRA DA SILVA**

**O DISCURSO DA OPRESSÃO DAS MASSAS NA OBRA *1984*, DE GEORGE  
ORWELL**

**CAMPINA GRANDE - PB**

**2024**

WANDERSON PEREIRA DA SILVA

**O DISCURSO DA OPRESSÃO DAS MASSAS NA OBRA *1984*, DE GEORGE ORWELL**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao curso de Letras Inglês, da Faculdade de Linguística, Letras e Artes, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial a obtenção do título de graduado em Letras Inglês.

**Área de concentração:** Literatura.

**Orientador:** Prof. Ms. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha.

CAMPINA GRANDE – PB 2024

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586d Silva, Wanderson Pereira da.

O discurso como representação da opressão das massas na obra 1984 de George Orwell [manuscrito] / Wanderson Pereira da Silva. - 2024.

22 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Faculdade de Linguística, Letras e Artes, 2024.

"Orientação : Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha, Coordenação do Curso de Letras Inglês - FALLA".

1. Análise literária. 2. Linguagem. 3. Análise do discurso. I. Título

21. ed. CDD 801.95

WANDERSON PEREIRA DA SILVA

**O DISCURSO DA OPRESSÃO DAS MASSAS NA OBRA 1984, DE GEORGE ORWELL**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao curso de Letras Inglês, da Faculdade de Linguística, Letras e Artes, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial a obtenção do título de graduado em Letras Inglês.

**Área de concentração:** Literatura.

Aprovada em: 22/11/2024.

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado eletronicamente por:

- **Thiago Rodrigo de Almeida Cunha** (\*\*\*.579.534-\*\*), em **05/12/2024 18:37:59** com chave **32664676b35111efb89d1a7cc27eb1f9**.
- **Johnny Glaydson dos Santos Tavares** (\*\*\*.649.654-\*\*), em **05/12/2024 19:29:36** com chave **68cf0ea8b35811efb7841a1c3150b54b**.
- **Rivaldo Ferreira da Silva** (\*\*\*.147.274-\*\*), em **05/12/2024 18:45:04** com chave **2fcc7d62b35211efa26b06adb0a3afce**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse [https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar\\_documento/](https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/) e informe os dados a seguir.

**Tipo de Documento:** Folha de Aprovação do Projeto Final

**Data da Emissão:** 29/12/2024

**Código de Autenticação:** d37944



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	05
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	06
2.1. A utilização da linguagem com finalidades hegemônicas	06
2.2. o papel do convencimento e da persuasão	07
2.3. o papel da mídia e das propagandas no controle social	08
2.4. o dialogismo como ferramenta de transformação	09
<b>3. DISCURSO DE MANIPULAÇÃO: ANÁLISE DA OBRA 1984, DE GEORGE ORWELL</b>	11
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	18
<b>REFERÊNCIAS</b>	19

## O DISCURSO DA OPRESSÃO DAS MASSAS NA OBRA *1984*, DE GEORGE ORWELL

### THE DISCOURSE OF MASS OPPRESSION IN THE WORK *1984*, BY GEORGE ORWELL

DA SILVA, Wanderson Pereira<sup>1</sup>

#### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral compreender as estratégias discursivas empregadas para construir narrativas, moldar a opinião pública e influenciar no comportamento do indivíduo na obra *1984* de George Orwell. Além disso, este trabalho tem como objetivos específicos 1 discutir o conceito e a finalidade da linguagem, 2 dissertar sobre formas de controle social, estado e tipos de regimes políticos modernos 3 destacar o papel significativo da linguagem na organização social. A pesquisa busca. Para alcançar esses objetivos, é realizada uma análise da obra literária *1984*, escrita por George Orwell, com foco especial na criação de uma *nova língua* no país fictício da Oceânia, que se revela como um mecanismo crucial de controle da população. Dentro desta pesquisa, Foucault contribuiu com suas teorias que mostram como o poder está ligado ao controle da linguagem para a dominação de um povo. Este trabalho também se baseia na perspectiva bakhtiniana das relações dialógicas, com contribuições significativas de Faraco (2009), no qual ele afirma que todo discurso é parte integrante de um debate cultural. Abreu (1999) complementa essa análise ao destacar o papel da persuasão na construção de significados. Ao explorar como a linguagem é usada para convencer e manipular, ele retrata como a linguagem é utilizada como ferramenta de controle. A pesquisa consiste em uma análise textual detalhada da obra *1984* junto com uma revisão da literatura sobre distopias e controle social. Essa abordagem permitiu identificar os mecanismos discursivos utilizados pelo regime totalitário para dominar a população. Como resultado, foi possível observar que a supressão da língua falada pela população e a introdução de uma nova língua têm o propósito de anular o pensamento crítico, transformando as pessoas em meras reproduzidas de opiniões, desprovidas de reflexão.

**Palavras-Chave:** Linguagem; Controle; Pensamento Crítico.

#### ABSTRACT

This study aims to understand the discursive strategies employed to construct narratives, shape public opinion, and influence individual behavior in George Orwell's *1984*. Specific objectives include: 1) discussing the concept and purpose of language; 2) examining forms of social control, the state, and types of modern political regimes; and 3) highlighting the significant role of language in social

<sup>1</sup> Graduando do curso de Letras Inglês, da Faculdade de Linguística, Letras e Artes da UEPB, Campus I. *E-mail:* wanderson2002961@gmail.com.

organization. The research seeks to achieve these objectives through an analysis of Orwell's 1984, with a particular focus on the creation of a new language in the fictional country of Oceania, which serves as a crucial mechanism for controlling the population. Within this research, Foucault's theories contribute by demonstrating how power is linked to the control of language to dominate a people. This work also draws on Bakhtin's perspective on dialogical relationships, with significant contributions from Faraco (2009), who argues that all discourse is an integral part of a cultural debate. Abreu (1999) complements this analysis by highlighting the role of persuasion in constructing meanings. By exploring how language is used to convince and manipulate, he portrays language as a tool of control. The research consists of a detailed textual analysis of 1984 along with a review of the literature on dystopias and social control. This approach has allowed for the identification of the discursive mechanisms used by the totalitarian regime to dominate the population. As a result, it was possible to observe that the suppression of the language spoken by the population and the introduction of a new language aim to annul critical thinking, transforming people into mere reproducers of opinions, devoid of reflection.

**Keywords:** Language; Control; Critical Thinking.

## 1 INTRODUÇÃO

A utilização da linguagem como uma forma de controle das massas é um tema fascinante e perturbador explorado na obra clássica de George Orwell, *1984*. Nesta distopia sombria, Orwell retrata um regime totalitário em que a manipulação da linguagem desempenha um papel fundamental na dominação e no controle das mentes dos cidadãos. Através do uso de técnicas como a Novilíngua e a manipulação da história, o Estado tenta moldar o pensamento e restringir a liberdade individual. A hipótese levantada é que a manipulação das massas está diretamente relacionada ao uso da linguagem como ferramenta de controle. Diante dessa perspectiva, surge a pergunta de pesquisa: De que forma a linguagem pode ser utilizada para o domínio das massas?

Este estudo tem como objetivo geral compreender as estratégias discursivas empregadas para construir narrativas, moldar a opinião pública e influenciar no comportamento do indivíduo na obra *1984*, de George Orwell. Para alcançar esse objetivo, serão abordados objetivos específicos, que incluem discutir o conceito e a finalidade da linguagem, dissertar sobre formas de controle social, estado e tipos de regimes políticos modernos e destacar o papel significativo da linguagem na organização social a partir das concepções de Foucault (1966), Bakhtin (2003) e Abreu (1999). Os eixos teóricos que sustentam esta pesquisa incluem a conceituação da linguagem e sua finalidade, a análise do controle social, do estado e das diversas formas de regimes políticos modernos, bem como a relação intrínseca entre linguagem e controle social.

Para entendermos a linguagem é usada pelo Estado e entidades, ou instituições, que se utilizam do discurso para legitimar o controle das massas e como a palavra e o pensamento estão intrinsecamente ligados, usaremos as teorias de Foucault, que trata a respeito das relações de poder e enxerga a linguagem como uma ferramenta poderosa para dominar o povo. Faraco (2009) e Bakhtin (2003) também serão essenciais para entendermos o discurso em ação e as relações dialógicas e como elas podem contribuir para a manutenção do poder. Abreu (1999)

também será de suma importância para tratarmos sobre o poder da persuasão e do convencimento, pois ele aborda a forma como a persuasão e o convencimento podem modelar a opinião pública.

A justificativa para a realização deste estudo reside no fato de que a linguagem é um meio utilizado pelo ser humano para diversas finalidades, que vai além de uma mera comunicação e podendo ser um meio, tanto para libertar quanto aprisionar as pessoas em um único pensar. Desde a Antiguidade, a língua tem sido usada como meio de adestramento das pessoas e forma de controle do pensamento e ações. Mudanças forçadas na língua, que vêm sempre de cima para baixo, são realizadas com o propósito de dominar e controlar o que pode ser dito e o que não pode. Considerando a relevância do tema na sociedade brasileira, em um contexto de grandes agitações políticas, disseminação de *fake news* e discursos de ódio, torna-se essencial promover a discussão sobre a maneira e finalidade com que a linguagem é utilizada. Sempre foi de meu interesse entender como a língua pode ser usada para influenciar as pessoas. Motivado por essa questão e vendo como o discurso, a propaganda, o controle e a punição foram essenciais nestas últimas eleições, decidi investigar como a linguagem é usada para manipulação das pessoas

Espera-se que este estudo contribua para despertar na sociedade uma atitude reflexiva sobre até que ponto somos livres para exercer nosso direito de pensamento, e que também estimule o exercício livre da cidadania. Além disso, a pesquisa busca contribuir com a comunidade científica, ao abordar as formas de controle do pensamento, promovendo o desenvolvimento e atualização do conhecimento no campo da linguagem, mais especificamente, na análise do discurso e nos estudos críticos dos discursos. Dessa forma, espera-se fomentar um olhar crítico sobre o tema, ampliando a compreensão dos mecanismos de manipulação da linguagem para fins de controle das massas.

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa de natureza bibliográfica, enquadrando-se no paradigma interpretativista. Essa escolha metodológica se justifica pela necessidade de explorar e compreender o significado do discurso como ferramenta de controle social em *1984*, de George Orwell. O romance será tratado como um documento que revela os mecanismos de controle social através da linguagem. Os eixos teóricos que sustentam esta pesquisa incluem a conceituação da linguagem e sua finalidade, a análise do controle social, do estado e das diversas formas de regimes políticos modernos, bem como a relação intrínseca entre linguagem e controle social.

Diante das considerações apresentadas, nosso trabalho está dividido em 3 seções principais. A introdução apresenta a relevância da pesquisa, assim como os objetivos e a justificativa para o estudo. O referencial teórico explora os principais teóricos e conceitos que sustentam a análise, a saber: Foucault (1966), Abreu(1999), Faraco(2009), Bakhtin(2003), dentre outros. A análise dos dados, por sua vez, procura responder às questões da pesquisa e trazer uma contribuição para o conhecimento na área da linguagem, ao revelar estratégias de manipulação linguísticas empregadas pelo Partido em *1984*.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Nesta seção, apresentamos as contribuições teóricas utilizadas no trabalho. Ela está dividida da seguinte forma: a utilização da linguagem com finalidades

hegemônicas; o papel do convencimento e da persuasão; o papel da mídia e das propagandas no controle social; o dialogismo como ferramenta de transformação.

## 2.1 A utilização da linguagem com finalidades hegemônicas

Foucault (1966) não propõe uma teoria linear e única sobre o poder da linguagem, mas sim uma análise complexa e multifacetada que se desdobra em suas diversas obras. Para ele, a linguagem não é apenas um instrumento de comunicação, mas um instrumento de poder. Sendo assim, surgem variadas formas do uso da linguagem com diferentes finalidades, que nem sempre são para o bem comum, como é relatado na obra estudada. A função mais básica da linguagem é a comunicação. No entanto, há várias outras possibilidades para o uso da mesma que faz com ela se transforme em uma arma poderosa para o controle do pensamento e da ação humana.

O discurso, por sua vez, exerce uma função essencial no convencimento das massas, já que, segundo Foucault, ele não é neutro, mas moldado pelas relações de poder. Foucault (1966) acredita que a linguagem não apenas reflete ou descreve a realidade, mas ela mesma tem o poder de construí-la. Na obra de George Orwell é perceptível a linguagem sendo usada como uma forma de moldar a realidade ou adaptá-la ao discurso disseminado pelo governo. Foucault ainda afirma que a produção do discurso é controlada, com objetivos de dominar a realidade. Ele afirma,

Suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar os seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (Foucault, 2009, p.8-9).

Para Foucault o discurso é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo, espaço, ou definidas em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica, ou linguística, dada as condições de exercício da função enunciativa. Desta forma, o discurso é permanentemente inserido na sociedade, de tempos em tempos, não pelo povo, mas por aqueles que o “representa”. Governos totalitários e pessoas que usurpam o poder, por muitas vezes, têm se utilizado do discurso para modelar a opinião pública e controlar o pensamento coletivo. Por meio de seleção de palavras, eles ditam o que pode ser discutido ou o que jamais deve estar nas discussões públicas.

Geralmente se utilizam de práticas discursivas que visam trazer a exaltação deles mesmos, enquanto proíbem ou ridicularizam o pensamento contrário. A propaganda e a censura têm sido, muitas vezes, meios para controlar o discurso, chegando à punição física, prisões ou a criação de leis para limitar o pensamento crítico. Estes são alguns exemplos de como as classes dominantes podem utilizar a linguagem para destruição da população e exaltação de quem tem o poder. Este parágrafo está em concordância com as teorias de Foucault (1976) que mostram como o que pode ser dito é moldado pelas relações de poder

Foucault ainda afirma que para a perpetuação do controle social, existem algumas práticas sociais que precisam ser consideradas. As instituições, portanto, têm um papel importante quanto à manutenção do poder, pois a validação e seleção do que pode ser dito ou não, geralmente é validado pelas instituições que contribuem para a punição ou marginalização daqueles que não seguem o padrão.

Sendo assim, as instituições têm o poder de estabelecer as regras e normas, determinando quais vozes podem ser ouvidas e quais vozes devem ser silenciadas (Foucault, 1975).

A sociedade, com o passar do tempo, começa a aderir às normas e regras que vêm sendo transmitidas e, aos poucos, começam a ter as mentes moldadas ao padrão ensinados. Isso fará com que pensem igual seus "representantes" e lutem pelos seus ideais, se opondo a quaisquer pensamentos contrários. O governo, assim, ganha a confiança do povo e garante sua permanência sem que haja necessidade de um pensamento contrário, pois há pessoas e instituições que compactuam com o mesmo pensamento e farão de tudo para silenciar qualquer voz que se levante contra o pensamento comum.

Por meios destas técnicas, a população internaliza as visões implementadas pela classe dominante, deixando de lado suas próprias convicções. O indivíduo, portanto, é influenciado a abandonar suas próprias visões de mundo e acatar as que são trazidas pelo poder dominante, que geralmente busca trazer foco para questões secundárias para evitar tratar de problemas reais enfrentados pela comunidade. (Foucault, 1975). Bourdieu (1996) complementa a análise Foucaultiana sobre a linguagem e poder, ao mostrar como a língua, sendo um dos principais veículos do capital simbólico, que pode legitimar posições sociais e visões de mundo.

Dessa maneira, a linguagem é comparada a um campo de luta onde os agentes sociais buscam legitimar suas visões de mundo. Por esse motivo a linguagem não se resume a um mero instrumento de comunicação, mas é capaz de construir a realidade e legitimar visões de mundo e é usada com propósitos específicos de dominação, como declara Bourdieu(1996),

a linguagem não é neutra, ela é um instrumento de dominação, um instrumento de construção da realidade social. a linguagem é um campo de luta, onde os agentes sociais disputam posições e buscam legitimar suas visões de mundo." (Bourdieu, 1996, p. 65).

Ao dominar a linguagem, grupos dominantes impõem suas visões de mundo e legitimam suas posições de prestígio. Por conseguinte, a linguagem internalizada pelo indivíduo desde sua infância, reproduz as desigualdades sociais e permitem a perpetuação do *status quo*, fazendo com que a linguagem seja um dos principais meios de produção de poder.

Até aqui, vimos como governos totalitários e os detentores do poder se utilizam de técnicas para fazer as pessoas seguirem e se adequarem a padrões impostos por eles mesmos. No próximo tópico, com as contribuições de Abreu (1999), veremos como o convencimento e a persuasão são fundamentais para moldar a opinião pública e controlar os interesses do povo.

## **2.2 O papel do convencimento e da persuasão**

A língua, por ser um instrumento poderoso na construção do pensamento, se utiliza de algumas técnicas para que consiga alcançar seu objetivo. O convencimento e a persuasão têm sido fundamentais para que o pensamento social seja consolidado. Na interação social, tanto a persuasão como o convencimento estão entrelaçados, pois quem anuncia algo tem o propósito de convencer seu interlocutor. Isso, na verdade, mostra que a língua é repleta de intencionalidade, ou seja, todo discurso possui um propósito, em toda e qualquer comunicação há uma intenção naquilo que é dito.

A linguagem é mais que um simples meio de comunicação, é também um poderoso instrumento de convencimento e persuasão que tem o poder de moldar opiniões e direcionar comportamentos. Em 1994 de George Orwell, as pessoas, através de ameaças, propagandas e do medo são levadas a agir em conformidade com a ideologia do governo, fazendo com que a capacidade das pessoas de pensar se torne cada vez menor (Abreu, 1999).

Para entender o papel da persuasão e do convencimento neste processo, é necessário entender o conceito de ambos, para não discutirmos os termos baseado no senso comum. Ao contrário do senso comum, que acredita que convencer é uma disputa, no qual uma pessoa consegue vencer a outra na argumentação e acabar com a outra, a etimologia da palavra tem o sentido de vencer junto (com vencer) e não vencer contra. Resumindo, convencer é construir algo no campo das ideias, assim não vencemos a pessoa que convencemos, mas conseguimos fazer com ela pense da forma que nós mesmos. A persuasão, no entanto, exerce um papel que vai além de fazer com que o outro enxergue seu ponto de vista, pois também está ligado a emoção do outro.

Isso faz o outro agir de maneira diferente, ao contrário do convencimento que faz a pessoa pensar como nós. A persuasão faz com que alguém realize algo que desejamos, ou seja, podemos fazer alguém comprar um objeto por meio da persuasão, mesmo que esse objeto não seja tão necessário. Já o convencimento pode fazer com que uma pessoa ache necessário comprar algo e mesmo assim não faça (Abreu, 1999). Apesar da confusão dos termos, a persuasão vai além do convencimento, pois leva pessoas a mudarem suas ações e agirem de acordo com a pessoa que está com o poder da palavra, enquanto o convencimento leva as pessoas a mudarem apenas suas ideias, sem necessariamente mudarem suas atitudes.

Muitas vezes, conseguimos convencer as pessoas, mas não conseguimos persuadi-las. Podemos convencer um filho de que o estudo é importante e, apesar disso, ele continuar negligenciando suas tarefas escolares. Podemos convencer um fumante de que o cigarro faz mal à saúde, e, apesar disso, ele continuar fumando. (Abreu, 1999, p. 09).

Ao mesmo tempo, em que a linguagem pode ser usada para trazer informações, conhecimentos e promover uma sociedade mais justa, ela também pode ser útil para a desconstrução de valores e trazer domínio sobre uma sociedade escravizada pelas quantidades de informações com propósitos políticos. Propagandas, posts, e notícias falsas são exemplos de como a linguagem pode ser instrumentalizada com finalidades ideológicas, fazendo com que a população se torne cada vez mais dependente e não encontre outros meios de informação. São obrigados a escutar o que o sistema quer que escute e agir de acordo com o esperado por quem domina os meios de comunicação.

### **2.3 O papel da mídia e das propagandas no controle social**

As mídias, juntamente com as redes sociais, também podem ser transformadas em uma grande ameaça no processo de manipulação. As informações por si só não são garantia de conhecimento, pois o conhecimento está ligado a um processo que exige reflexão e análise. As redes sociais junto com a mídia são os meios que mais podem trazer informações para as massas. No entanto, a falta de conhecimento em conjunto com essas informações pode significar um “emburrecimento programado” no qual as pessoas correm o risco de obter uma

quantidade exagerada de informação ao mesmo tempo, em que a falta de conhecimento aumenta. Essa dependência da mídia para obter informações, reforça a ideia defendida por Abreu (1999).

Já é coisa sabida que o mais importante não são as informações em si, mas o ato de transformá-las em conhecimento. As informações são tijolos e o conhecimento é o edifício que construímos com eles. Mas onde é que vamos buscar esses tijolos? A maior parte das pessoas os obtém unicamente dentro da mídia escrita e falada. (Abreu, 1999, p. 04).

A seleção de conteúdo faz com que os interesses do povo sejam deixados de lado e, conseqüentemente, os interesses das mídias, ou daqueles que as controlam, são os que estarão em pauta. Dessa forma, a população esquece das necessidades reais que geralmente é obscurecida pela mídia. Desemprego, fome, liberdade, desigualdade, pois são submetidos a uma enorme quantidade de assuntos que chegam até eles. Dessa forma, o pensamento coletivo é moldado por não terem acesso aos conteúdos referentes à educação, saúde, política, entre outras coisas que são interesse popular.

A manipulação de informações não é um problema recente ou contemporâneo. George Orwell, na sua obra 1984, já nos alertava “quem controla o presente controla o passado e quem controla o passado controla o futuro” (p.36). A sociedade enxerga apenas o que lhe é passado e compreende o passado, assim como o futuro, de acordo com o que foi lhe ensinado. Logo, o pensar se torna algo difícil de encontrar. A preservação da liberdade e o pensamento próprio se tornam uma ameaça contra os detentores do poder. O desenvolver da capacidade de pensar, de criticar ou de lutar por algum ideal não é algo almejado por quem quer controlar o pensamento. Pois, se as pessoas pensassem sem influências externas, perceberiam o quanto elas podem causar mudanças em sistemas de governos, na formação de uma sociedade mais justa, e de um indivíduo que não se entrega ao autoritarismo, não importa de onde ele venha.

## **2.4 O dialogismo como uma ferramenta de transformação**

A metáfora do dialogismo surge a partir da concepção de que existem e se confrontam múltiplas posições de valor (plurilinguismo), e desse encontro surge a ideia de que “todo discurso é, assim, parte integrante de um debate cultural (axiológico) em grande escala” (Faraco, 2009). O confronto dessas posições ocorre quando um indivíduo, com sua singularidade de valores, se depara com um texto (objeto que materializa valores) produzido por outro. Diante desse outro, que possui valores diferentes, o indivíduo sempre tem uma resposta ativa. Dessa forma, o texto só ganha vida ao entrar em contato com outro texto (contexto). É nesse ponto de contato que a luz que ilumina retrospectivamente e prospectivamente o texto se acende, dando início ao diálogo (Bakhtin, 2003).

Cabe ressaltar que esse contato é um contato dialógico entre textos (enunciados) e não um simples confronto mecânico de “oposição” (...). Esse contato entre textos ocorre quando o indivíduo “avalia” o outro, “deprecia” e assim por diante, ou seja, quando ele emite algum tipo de resposta. Essa resposta ativa ou responsividade pode ser expressa não apenas na forma de “confronto direto”, ou seja, discordância, mas também na concordância. Isso ocorre porque, ao concordar com uma posição de valor, o sujeito inevitavelmente abre mão de outras posições. Portanto, os gestos dialógicos são “relações entre índices sociais de valor” e as relações dialógicas são “espaços de tensão entre enunciados” (Faraco, 2009).

A atitude responsiva em relação ao outro, expressa por meio da linguagem, faz com que as ciências humanas sejam ciências dialógicas. Isso ocorre porque os estudiosos das ciências humanas analisam o texto, que não é unívoca (ou seja, não possui apenas um valor social), mas sim a expressão de uma consciência constituída por diversos valores sociais. O texto nas ciências humanas é o espaço onde ocorre o confronto desses valores e é essencialmente dialógico. Nesse sentido, Bakhtin (2003) destaca que: "entre obras de discurso profundamente monológicas, sempre estão presentes relações dialógicas".

Portanto, para que haja relações dialógicas, é necessário que haja a confrontação de sentidos entre dois enunciados distantes tanto no tempo quanto no espaço, sem que um saiba do outro, resultando em uma conversão de sentidos (Bakhtin, 2003). No entanto, apesar de as relações dialógicas serem abrangentes, alcançando até mesmo enunciados distantes no espaço e no tempo, não devemos perder de vista a rigidez com que Bakhtin e o Círculo concebiam esse conceito. Para Bakhtin, as relações dialógicas são de natureza específica e não podem ser reduzidas as relações meramente lógicas (mesmo que dialéticas) ou meramente linguísticas. Elas só são possíveis entre enunciados integrais de diferentes sujeitos do discurso.

Onde não há palavra, não há linguagem, e, portanto, não pode haver relações dialógicas. Essas relações não podem existir entre objetos ou entre grandezas lógicas (conceitos, juízos, etc.). As relações dialógicas pressupõem a presença da linguagem, mas não existem no sistema da língua. Elas não são possíveis entre os elementos da língua. A especificidade das relações dialógicas requer um estudo especial (Bakhtin, 2003). A análise dialógica, baseada no parágrafo mencionado, consiste na análise dos valores presentes no universo cultural. A construção da consciência individual ocorre nesse ambiente cultural, onde existem diversos acentos valorativos que constituem os signos ideológicos. Quando os seres humanos se tornam conscientes de sua existência no mundo, eles se deparam com a existência de inúmeros outros valores além dos seus próprios. Todos esses valores, pertencentes à sua atmosfera cultural, mantêm relações entre si. Nesse sentido, o objetivo da análise dialógica é relacioná-los e compreender seu funcionamento.

Conforme explicado por Faraco (2009):

"É nessa atmosfera heterogênea que o sujeito, imerso nas múltiplas relações e dimensões da interação socioideológica, constitui-se discursivamente, assimilando vozes sociais e, ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas" (Faraco, 2009).

Podemos perceber, então, que para estabelecer relações dialógicas, é necessário considerar o universo cultural como tendo primazia sobre a consciência individual. Assim, a consciência do indivíduo é compreendida como uma realidade semiótica constituída dialogicamente por outros signos, uma vez que o signo é, antes de tudo, social (Faraco, 2009). Uma vez que a questão ideológica está relacionada à produção da materialidade da vida, de acordo com a tradição marxista, cada signo ideológico possui pesos e poderes diferentes, uma vez que recebem diferentes valores na luta de classes. A luta de classes tem influência direta sobre o valor ideológico que será expresso na linguagem.

Portanto, esse valor pode sempre se transformar devido à profunda estratificação da sociedade e à verticalidade estabelecida entre as classes e os sujeitos que as compõem. Na prática, isso resulta em nos depararmos

constantemente com outros valores que irão constituir as consciências de forma heterogênea. Com base nisso, cabe compreender que o ser da expressão é bilateral e só se realiza na expressão de duas consciências. O objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante, e esse ser nunca coincide consigo mesmo, o que torna seu sentido e significado inesgotáveis (Bakhtin, 2003, p.395).

Além disso, pode-se inferir que a questão do outro está intrinsecamente ligada ao problema da formação da consciência. Quando a consciência se forma, ela não o faz de forma isolada, surgindo do nada. Para a existência da consciência, é necessário que ela esteja imersa na cultura. Assim, a existência de uma consciência já está condicionada à sua bilateralidade, ou seja, a consciência individual já está impregnada do outro. A linguagem é a capacidade dos seres humanos de se comunicarem por meio de um sistema de signos (Chomsky, 1957). Essa habilidade se manifesta em línguas, que são sistemas de signos utilizados por diferentes comunidades linguísticas.

Conforme observado por Saussure (1916), a língua não deve ser confundida com a linguagem em si, pois representa apenas uma parte específica e essencial dela. Portanto, é considerada tanto um produto social da faculdade da linguagem quanto um conjunto de convenções adotadas pela sociedade para permitir o exercício dessa faculdade pelos indivíduos (Saussure, 1916). Ela funciona como um princípio de classificação, estruturando e organizando a realidade em categorias linguísticas (Saussure, 1916).

### **3. DISCURSO DE MANIPULAÇÃO: ANÁLISE DA OBRA 1984, DE GEORGE ORWELL**

Este estudo se concentra em analisar como regimes totalitários exercem controle sobre a sociedade através da linguagem, da manipulação da informação e da vigilância constante. Além disso, o estudo explora a relação entre linguagem e poder político e busca compreender como a novilíngua, a propaganda, a polícia do pensamento funcionam como mecanismo de manipulação e podem impedir o pensamento crítico e a liberdade individual. George Orwell, em sua obra 1984, retrata uma sociedade distópica, na qual a linguagem é utilizada como uma ferramenta de controle e manipulação. Escrita em um contexto de ameaças de guerras e ascensão do totalitarismo, Orwell nos traz um alerta sobre os perigos enfrentados pela sociedade, quando um tirano assume o poder.

A censura, a vigilância constante e a distorção da realidade, são alguns exemplos abordados no romance. Sob esta perspectiva, neste tópico, analisaremos como a linguagem imposta pelo partido, através da novilíngua, proibição de palavras e criação de outras, podem moldar e limitar o pensamento do indivíduo. Além disso, Orwell revela o temor de uma sociedade rumo ao autoritarismo. Publicado em 1949, após ter vivenciado a guerra espanhola e em um cenário ainda marcado pelos horrores e destruição causados pelo nazismo e o stalinismo, Orwell teme que a sociedade caminhe nesta direção, em que a supressão de liberdade de pensamento fosse, não apenas aceita, como incentivada e a vida dos cidadãos fosse controlada em todos os aspectos.

As preocupações de Orwell com o autoritarismo, não se limita apenas ao contexto histórico em que ele vivencia. Hoje ainda temos que lidar com temas referentes a perdas de liberdade, tanto na linguagem, quanto no agir. Na obra, Orwell nos apresenta um senhor chamado Wilson que em um dia comum, entra numa mansão, chamada Vitória, lugar onde morava sozinho. Apesar do nome, o

prédio é descrito como um lugar decadente e sujo “o saguão cheirava a repolho cozido e a capacho de trapos” (p.7). O que pode ser uma representação da obra como todo, no qual a verdade é frequentemente distorcida. O ambiente degradado da mansão reflete a condição humana em uma sociedade controlada pelo Partido.

O Partido representa o estado totalitário, um poder absoluto e onipresente que controla todos os aspectos da vida do cidadão. O principal lema do Partido era: Guerra é paz, liberdade é escravidão, ignorância é força. Este lema reforça a ideia de controle soberano que o partido tinha sobre a linguagem, pois mesmo com um discurso tão contraditório, a população não era capaz de enxergar como o partido se utilizava desta ferramenta, a língua, para dominá-los. Ao subir as escadas, Winston se depara com a figura do Grande Irmão em um grande cartaz que dizia “o Grande Irmão zela por ti”, mais um meio discursivo utilizado pelo partido como demonstração de controle e onipresença.

O Grande Irmão, nesse contexto, representa a figura autoritária e a forma como o governo está sempre vigiando as pessoas. Apesar do nome e da legenda no cartaz, o Grande Irmão não tem características amigáveis, ele é temível e assustador, pois representa a figura do poder absoluto, que está sempre vigiando “era uma dessas figuras cujo os olhos seguem a gente por toda parte” (p.7). Desagradá-lo ou desobedecê-lo poderia custar a vida, conforme declara o senhor Winston “me darão um tiro que importa, me darão um tiro na nuca, não importa abaixo o grande irmão...” (p. 22) ao cometer um crime gravíssimo de ter um diário e escrever nele.

Mesmo assim, senhor Winston, tenta, de alguma forma, escapar dos olhos do Grande Irmão e escrever em diário enquanto está fora do alcance da teletela, que era o meio pelo qual o Governo controlava e vigiava todas as pessoas. O ato de fugir da teletela e escrever era uma infração grave para o Partido e escrever em diário. No entanto, ele percebe que é difícil se opor ao governo ou fazer qualquer ato que não tenha aprovação do Governo, uma vez que a Polícia do Pensamento e a população estão sempre vigilantes em busca de qualquer sinal de dissidência.

A teletela, um aparelho para vigiar a população, conseguia ter uma influência ainda maior, pois não apenas tinha a capacidade de ouvir e ver os movimentos dos indivíduos, como era um meio pelo qual o Partido informava e exaltava a figura do Grande Irmão. Este aparelho estava presente em todas as casas e poderia captar qualquer som, mesmo que muito baixo. Mesmo quando o senhor Winston ia ao único lugar na casa que saía do campo de visão do aparelho, ele não poderia fazer barulho, pois não sabia se estava sendo ouvido ou não naquele momento.

A teletela recebia e transmitia simultaneamente. Qualquer som que Winston fizesse, acima de um sussurro muito baixo, seria captado; além disso, enquanto permanecesse no campo de visão da placa de metal, ele poderia ser visto e ouvido. É claro que não havia como saber se, em dado momento, o Partido estava de fato observando cada indivíduo ou apenas uma amostragem deles. Não provável - que observem todos o tempo todo (Orwell, 2009, p. 6).

Essa descrição da teletela demonstra a natureza invasiva do regime instaurado na Oceania. Ao longo da história, fica evidente que o partido governante utiliza diversas ferramentas para exercer controle sobre as massas, como o uso da teletela conforme citação acima, a manipulação da história, que acontece por meio do Ministério da Verdade, uma máquina que reescreve a história adaptando-a de acordo com os interesses do Partido, a Polícia do Pensamento, que tem como

principal objetivo monitorar e eliminar qualquer pensamento divergente. Isso reflete o momento em que Orwell tinha vivenciado na luta contra o Facismo, onde ele vivencia experiências que se tornam elementos centrais em sua obra. Além disso, uma onda crescente de medo se instaurava, relacionado a possibilidade de uma nova guerra ou controle de uma tirania sobre a nação.

O duplipensar, exerce um papel importante para que as pessoas aceitem a ideologia do partido e possam acreditar em duas ideias, mesmo sendo elas opostas. O uso da linguagem, dentre outras coisas, é implementado como armas que facilitam o domínio sobre o pensamento e o controle sobre a narrativa histórica, garantindo que nenhuma oposição possa surgir. Orwell (2005) mostra como esta ferramenta era tão forte no controle da mente, que até mesmo o senhor Winston, por vezes, aceitava o discurso e a ideologia do governo. Seu espírito mergulhou no mundo labiríntico do duplipensar. Saber e não saber, ter consciência de completa veracidade ao exprimir mentiras cuidadosamente arquitetadas, defender simultaneamente duas opiniões opostas, sabendo-as contraditória e ainda assim acreditar em ambas.

Wilson, assim como toda a população, tinha seus movimentos, falas e expressões vigiadas em tempo real pela teletela. Em virtude disso, havia a necessidade de bastante cautela em cada ação ou palavra que eram proferidas em frente ao aparelho. A teletela é um símbolo da manipulação e vigilância, características de governos totalitários que tendem a desejar o controle da população. Isso contribuiu para a normalização do controle, fazendo com que as pessoas se acostumassem com a falta de privacidade. Assim, o governo se infiltrava em cada âmbito da vida e se tornava onipresente, pois conseguia vigiar todos, seja por meio da teletela, ou por meio da polícia do pensamento, que representa o medo que regimes ditatoriais causam no povo ou até mesmo pelos adeptos aos ensinamentos do governo que foram instruídos a não permitir que se levante oposição contra quem está no poder. Parecia não haver escapatória dos olhos do Grande Irmão.

Desse modo, a teletela e a polícia do pensamento se tornavam um meio para endossar o controle social, fazendo com que a população se adequasse a visão que era imposta pelo partido, seja por meio da doutrinação ou por meio da força e vigilância. Havia a necessidade de se portar conforme as ordens do partido, de outra maneira, caso o indivíduo não se curvasse e aceitasse as ideologias do partido, ele poderia ser considerado um impostor, alguém lutando contra os valores do governo. Não era necessário se opor ao governo, apenas o ato de discordar ou não aceitar com entusiasmo as decisões do governo, poderia ser considerado um ato de rebelião.

O partido, conseqüentemente, poderia controlar as pessoas com a própria aprovação delas, à medida que buscavam por aprovação e se conformavam com o que era imposto a eles. O pensamento independente era considerado um crime. O governo não distinguia entre pensamento e ação “pensamento-crime não acarreta a morte, pensamento-crime é a morte” (p.30). Orwell mostra que o pensamento, assim como a ação, tinha um mesmo pesar de punição. O medo de se impor era maior do que o de se associar e aceitar o que vinha da parte do governo. A propaganda desempenha um papel fundamental na manutenção do poder. Através dos meios de comunicação, o governo molda a percepção da realidade da população, fazendo-a acreditar em uma dependência constante.

A repetição constante de mensagens e escolha de palavras, tem enorme efeito na argumentação e pode levar a mudança de atitudes ou pensamento por

parte dos ouvintes e leitores. Enxergar estes meios de controle pode nos levar aos seguintes questionamentos: até que ponto o controle do Estado pode afetar o desenvolvimento da democracia e de uma sociedade plural? Como ter certeza da veracidade dos fatos quando a informação é controlada? Dentro desse contexto, a teletela não é apenas um mecanismo de controle e vigilância dentro da obra, mas representa uma preocupação crescente sobre a perda de liberdade, do controle do Estado sobre as informações na sociedade atual.

Foucault (1975), argumenta que o poder não se exerce apenas por meio de opressão, mas também através da produção do saber. Ele ainda pontua que os mecanismos disciplinares produzem conhecimento sobre os indivíduos, moldando seus comportamentos e limitando suas possibilidades. Assim, o conhecimento pode tanto ser um meio de escape de regimes ditatoriais, como também é o mesmo meio utilizado por tais regimes. A palavra também pode ser um instrumento que pode tanto construir como destruir, unir ou dividir. No decorrer da história, discursos foram usados com propósitos diferentes.

Martin Luther King, por exemplo, é um exemplo de como o discurso pode unir pessoas a lutar por uma causa e justiça, enquanto Adolf Hitler se utiliza da mesma ferramenta com propósitos completamente diferentes; levar o ódio e incitar a violência contra povos que ele considerava inferiores. Abreu (1999) explica como a escolha de palavras pode contribuir e trazer mudanças significativas. Quando bem utilizadas, podem fazer as pessoas enxergarem de um ponto de vista diferente. Ele nos relata a história de um cego, que necessitado de ajuda, pedia ajuda a população com uma tabuleta escrito “cego”, mas este não conseguia chamar a atenção da população e recebia pouquíssima ajuda.

Um publicitário, certo dia, vendo a situação daquele homem, pede para ajudá-lo. Dias depois o cego estava bastante feliz e perguntou ao publicitário o que ele tinha escrito. A resposta foi simples: “Nada de mais”, disse o publicitário. Escrevi apenas o seguinte: É primavera. E eu não consigo vê-la.” As duas mensagens tinham o mesmo sentido, pois todos sabiam que aquele homem não enxergava. No entanto, a escolha das palavras, dentro de uma narrativa, pode alterar a forma como as pessoas percebem e reagem a uma situação. A frase final nos mostra como a palavra pode ir além da comunicação, trazendo emoções e tem o poder de transformar vidas. Enquanto Orwell demonstra como a palavra é usada para controlar a população e impedir o pensamento autônomo, Abreu nos mostra que a palavra pode ser usada para despertar emoções e unir pessoas.

A história relatada por Abreu (1999) demonstra de forma clara como a linguagem pode ser usada para transformar e alterar a percepção das pessoas quanto ao entendimento da realidade. Isso acontece comumente em Orwell quando no minuto do ódio o Grande Irmão se utiliza da linguagem para levar as pessoas ao delírio e a proferirem palavras de ódio contra um inimigo criado, não permitindo que ajam racionalmente e tenham seus sentimentos manipulados. Em ambos os casos, a linguagem é usada para alcançar o emocional do indivíduo e fazer com ele veja as coisas em concordância e na mesma perspectiva do enunciador. O minuto do ódio, descrito em *1984*, é um tipo de ritual no qual o governo reúne as pessoas e direciona o ódio delas para um inimigo comum, Goldstein.

A ideia de união parece ser bem diferente da proposta por Abreu, no qual as pessoas decidem ajudar os outros por vontade própria. Em *1984*, as pessoas são coagidas a se reunirem e a união não é baseado num ato de solidariedade, mas num ato de total submissão ao Grande Irmão, que por meio da linguagem faz com que as pessoas fiquem histéricas e também se utilizem da linguagem para agredir

seu “inimigo” com insultos e palavras de ódio. A criação de um inimigo em comum, tem como finalidade apavorar as pessoas, fazendo com que elas se unam em prol de uma causa comum. Assim, elas se esquecem dos problemas reais enfrentados pela população, como a falta de acesso a direitos básicos, a liberdade de expressão, o autoritarismo por parte do governo e a desinformação descarada, por meio dos veículos de informações.

Ao participar de um evento como este, as pessoas mostram como elas são dependentes do governo e como não conseguem enxergar a realidade sem a ajuda do mesmo, revelando a manipulação emocional promovida pelo governo. A ideia de coletividade, por esta razão, é essencial para sobrevivência, pois seria impossível enfrentar um inimigo tão forte sem a cooperação e união entre população e governo. Essa ideia, como vimos no decorrer do texto, é comum em regimes autoritários. A citação de Orwell exemplifica como o governo manipula a população ao criar um inimigo comum.

O programa de dois minutos de ódio variava de dia a dia, sem, porém, que Goldstein deixasse de ser o personagem central cotidiano. Era o traidor original, o primeiro a conspirar a pureza do Partido. Todos os subsequentes crimes contra o partido, todas as traições, atos de sabotagem, heresias, desvios, provinham diretamente dos seus ensinamentos. (Orwell, 2005).

O ódio e a tensão criados no minuto do ódio, pareciam uma forma de escape da realidade e meio de omitir os verdadeiros problemas enfrentados por uma população tão dependente. Os gritos e as ameaças levavam as pessoas a crerem que havia um inimigo com quem eles deveriam lutar, no entanto, esta luta só poderia ser vencida com a força e coragem do Grande Irmão. O contínuo jogo de palavras era tão envolvente que o povo não conseguia entender mais os conceitos básicos, a ponto de obscurecer conceitos essenciais para pensamento próprio. O duplipensar, ao distorcer a realidade, tornava a ideia de liberdade indesejável e incompreensível para a população.

Goldstein, inimigo do Grande de Irmão, defendia a ideia de liberdade em vários aspectos, porém a mente alienada e o ódio faziam com que elas não entendessem a divergência entre o discurso praticado pelo Partido, através de palavras distorcidas e fora do seu significado comum, e as ações que restringia a liberdade de todos os habitantes daquela região. Nesse contexto, a verdade se torna não uma coisa objetiva, mas varia de acordo com o contexto e o grupo social. O discurso do governo faz com que a “verdade” sirva a interesses de alguns, sendo usada como estratégia para ditar o que é real ou não, e impor a versão da realidade que melhor interessa aos detentores do poder. A história era regularmente reescrita para justificar ações realizadas pelo governo. O certo e o errado, dessa forma, são determinados pelo governo, pois ele que tem o poder da palavra. Foucault mostra bem a relação entre o discurso de poder e o controle, que é tema central na obra de Orwell.

“No verdadeiro”, a verdade que é aceita em determinado contexto social e que, por isso interessa a algum grupo social específico. A verdade oficial, que não fere os interesses do status quo e é validada por diversas estratégias de difusão (Foucault, 2009, p.8-9).

Desafiar o partido parecia ser impossível, ainda assim o senhor Wilson encontra formas de resistir e enfrentar o governo, mesmo que de uma forma bem

cautelosa. Os diários escritos por Wilson eram uma infração muito grave, principalmente para ele que estava bem envolvido com o partido. Expressar seus sentimentos também fazia parte do distanciamento entre a visão de Wilson e a trazida pelo partido. Demonstra os sentimentos, além de ser uma forma de resistência, também é uma forma que ele encontra de lutar contra a desumanização e a perda de individualidade que acontecia no romance e fora dele. A busca de um relacionamento faz dele um alvo que facilmente poderia ser vinculado a uma oposição ao Grande Irmão.

Diante deste cenário, o pensar crítico não era mais uma possibilidade, uma vez que o governo adentrou todas as esferas da sociedade, limitando o pensamento, o vocabulário e as ações dos indivíduos. As regras não deveriam ser somente obedecidas por todos, como também deveriam ser ensinadas a todos, desde criança, para que não houvesse a possibilidade de revolta ou a necessidade de um pensar fora daquele pensamento comum aderido pela população. Neste contexto, a desinformação e a manipulação estavam bem presentes no dia a dia dos cidadãos deste lugar chamado Oceania, mostrando que o governo tinha total controle da história, por meio das informações transmitidas.

Caso todos aceitassem a mentira imposta pelo Partido, ela se transformaria em verdade, como afirma Orwell (2005),

E se todos os outros aceitassem a mentira imposta pelo Partido - se todos os anais dissessem a mesma coisa - então a mentira se transformava em história, em verdade. "Quem controla o passado" dizia o lema do partido, "controla o futuro. Quem controla o presente, controla o passado". (p. 36).

Os fatos, portanto, não interessavam ao Governo, a não ser quando eles favoreciam sua narrativa. O ministério da Verdade era o principal responsável pela manipulação da história. Liderados pelo Grande Irmão, que representa a força do partido e os olhos que sempre estava os observando, os veículos de informações geralmente eram usados como uma forma de manipular as pessoas, pois os únicos meios de informações que elas tinham eram guiados pelo governo.

Dessa forma, as notícias que eram compartilhadas com o público visavam enaltecer o governo e esconder os problemas reais, informações irrelevantes para uma melhoria social ou para o desenvolvimento de um pensamento crítico eram bastante comuns dentro desta sociedade. Um dos exemplos, é quando o governo anuncia que a produção de chocolate cresceu 300 por cento apenas no último trimestre, querendo mostrar como o Partido tem trabalhado em favor da população e mostrar a liderança implacável do Grande Irmão. A falta da verdade nos noticiários trazia tensão para o povo, ao mesmo tempo que livrava o governo das críticas ou da revolta popular.

Essa estratégia visava uma submissão completa por parte dos cidadãos, que entendiam o presente, o passado e o futuro da forma como era noticiado. O propósito era fazer com que as pessoas não compreendessem a realidade, logo não poderia lutar por melhorias, pois este era o melhor momento de se viver já que o passado tinha sido apagado, distorcido e até esquecido por quem vivenciou ele. Com o passado apagado ou reformulado, as pessoas não conseguem lembrar de como eram suas vidas antes deste governo "estava só, o passado morto. O futuro inimaginável" (p.28), ou seja, após tanta repetição de notícias falsas, as pessoas passaram a acreditar que elas eram reais e que suas vidas estão melhor agora que antes.

Logo, o presente também pode ser manipulado, pois quem controla a informação tem o poder de ditar o rumo da sociedade, de fazer com que coisas irrelevantes sejam o tema atual e mais discutido, assim como, de tornar temas relevantes em secundários. Orwell já alertava que “quem controla o passado controla o futuro. Quem controla o presente controla o passado” (p.36). Isso traz um grande debate dentro de uma sociedade, até que ponto a desinformação disseminada pelas mídias tradicionais podem influenciar na construção da realidade ou até que pontos devemos aderir às informações que chegam até nós.

A melhor forma de resistir a estas influências das mídias e propagandas, segundo Abreu (1999), é buscar outras fontes de informações que se distinguem dos meios tradicionais e que geram diferentes níveis de aceitação e tragam opiniões e interações divergentes. A busca de Winston por um momento distante dos olhos do Grande Irmão para escrever no seu diário é um exemplo de como essa busca acontecia na obra.

A adesão à linguagem imposta pelo governo torna-se um obstáculo para a rebelião, uma vez que não existe vocabulário suficiente para questionar as ações governamentais. Palavras são proibidas, reduzidas ou destruídas, excluindo antônimos e limitando o pensamento, levando as pessoas a não conseguirem se opor ao governo, pois a sociedade já internalizou esse padrão linguístico (Orwell, 2005).

A manipulação da linguagem é acompanhada pelo apagamento do passado, vigilância constante da sociedade e criação de um inimigo imaginário, que mantém as pessoas dependentes do Grande Irmão. Essas práticas autoritárias têm como objetivo anular o livre pensamento e subjugar a população à vontade do governo, fazendo-as acreditar que estão lutando por seus direitos e ideais, enquanto suas liberdades são gradualmente suprimidas e suas memórias são apagadas (Orwell, 2005). No contexto do partido, ministérios têm nomes irônicos, com funções opostas às suas denominações, evidenciando a manipulação e distorção da linguagem pelo governo. A luta contra o autoritarismo começa pela preservação da verdade e um pensamento crítico e do conhecimento que leva as pessoas a entender os limites por parte do governo.

Diante deste cenário, seria realmente possível lutar contra o autoritarismo e sair vitorioso? Há chances de um indivíduo ou um grupo de pessoas resistir ao autoritarismo imposto por meio da linguagem? Orwell parece apresentar um sistema decaído, sem soluções, onde o totalitarismo vence sem que haja outra alternativa a não ser se render, quer seja pela violência ou pelo uso do convencimento através de estratégias que impossibilita qualquer pessoa a encontrar uma solução fora do governo. A vitória do partido sobre Winston, o único que parece se opor às ideias do governo, nos mostra a capacidade de regimes totalitários de controlar as ações, a fala e o pensamento dos indivíduos, fazendo com que eles se submetam e aceitem a condição em que vivem, sem que haja questionamentos.

O controle governamental parece ser uma questão inevitável, apenas esperando o momento em que as pessoas aceitem, compartilhem e por fim, persigam em nome dos detentores do poder. Ao ceder, por causa das torturas sofridas, Winston mostra a vitória definitiva do partido sobre os indivíduos e a aceitação da opressão. Ele também começa amar e lutar pelos ideais do partido. Parece não haver esperança para o futuro, um meio de escape que as pessoas possam se apegar. Orwell parece estar alertando as sociedades futuras sobre os

perigos do totalitarismo e os meios que eles comumente usam para estabelecer seus objetivos.

A distopia retratada por Orwell, apesar de ser escrita em um contexto específico, nos traz uma reflexão sobre os modelos de sociedades atuais. A falta de liberdade, a manipulação e o de informação são alguns dos desafios enfrentados pela contemporaneidade. Orwell nos alertou quanto aos perigos e os meios utilizados para fins hegemônicos. Desta forma, ele nos incentiva a resistir a estes modelos de governos e não permitir que entidades possam governar nosso pensar e nossas ações.

#### 4 CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou compreender a forma como Orwell, em *1984*, utiliza a linguagem tanto de opressão como de resistência. Ao analisar a *novafala* e as estratégias de manipulação do partido, percebemos como a linguagem, quando deturpada, pode moldar a percepção da realidade e limitar o pensamento. Percebe-se ao decorrer da história como a linguagem desempenha um papel fundamental tanto no processo de dominação quanto no processo revolucionário de uma cultura. A linguagem humana, representada de maneira mais explícita pelo amor, é aquela que o autoritarismo não comporta e busca absorver.

O romance de Orwell é subversivo, um protesto contra as artimanhas dos governos, um grito contra o autoritarismo que sufoca a individualidade e uma crítica à ortodoxia e ao conformismo incondicional. Orwell se posiciona como intérprete da sociedade em que vive e lança alertas sobre seus possíveis desdobramentos. O objetivo do Partido no governo da Oceania era preservar seu poder absoluto e para isso utilizava diversas estratégias de manipulação da população. Entre essas estratégias, destacam-se o estado de guerra constante, a modificação e ocultação de acontecimentos passados, a impossibilidade de ascensão social e a criação da Novafala.

A Novafala era um sistema de signos próprio do Partido, uma reformulação da língua que deveria ser adotada por todos os seus membros. Esse sistema excluía ideologias divergentes e distorcia a percepção de mundo dos sujeitos, controlando seus pensamentos e atitudes. Ao modificar ou extinguir palavras e seus significados, o Partido limitava a autonomia de pensamento dos indivíduos, restringindo sua consciência aos limites impostos. A voz do Partido se tornava a única voz autorizada, não passível de questionamentos, conferindo-lhe autoridade e poder absoluto. A população perdia sua consciência e se tornava um mero repetidor de ideias, incapaz de questionar ou contestar o sistema vigente.

A limitação dos signos da linguagem limitava a compreensão plena do mundo pelo indivíduo, tornando-o prisioneiro das ideias impostas. Embora essa análise se baseie em uma obra de ficção, é importante considerar que esses recursos de controle e manipulação também existem em diferentes tipos de governos. Manter a população sob controle é fundamental para o sucesso de regimes autoritários. A reflexão sobre a manipulação da linguagem na realidade nos leva a questionar como o que é dito e como é dito pode influenciar a liberdade ou prisão de um povo.

#### REFERÊNCIAS

ABREU, A. S. **A arte de argumentar**: gerenciando razão e emoção. São Paulo: Atlas, 1999.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. **The Dialogic Imagination: Four Essays**. Austin: University of Texas Press, 1981.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

CHOMSKY, N. **Syntactic Structures**. The Hague: Mouton, 1957.

FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1966.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

MARQUEZAN, L. H. Linguagem, Discurso e Sociedade. In: **Linguagem, Discurso e Sociedade**. Editora UNISINOS, 2000, p. 5.

ORWELL, G. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Paris: Payot, 1916.